

GEOGRAFIA REGIONAL E A INFLUÊNCIA ECONÔMICA DO OURO E DA BORRACHA: dialética escalar na formação do espaço brasileiro

Antônia Márcia Duarte Queiroz

Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – IG/UFU.

amdqueiroz@yahoo.com.br

Joyce Duarte Queiroz

Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Tutora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG.

joyceduart@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é tecer discussões sobre a Geografia Regional no Brasil. A análise está focada no estudo da base econômica do Brasil por meio dos seus períodos econômicos, em especial o do Ouro, efetivamente concretizado na porção centro-sul do país, e o da Borracha, pela extração do látex proveniente da *Hevea brasiliensis*, a Seringueira, distribuída sobre a vastidão amazônica. A metodologia principal foi realizada por meio de análise bibliográfica, trabalho de campo em Ouro Preto-MG, onde foram realizadas observações e fotografias e articulações em torno da análise comparativa e dialética escalar. O contexto da construção da sociedade brasileira permite inferir conexões paralelas e importantes à construção regional articulada às potencialidades econômicas distribuídas no espaço geográfico. Portanto, a análise empreendida permitiu verificar que as regiões do Brasil possuem uma lógica estruturada a partir do uso e da exploração dos recursos naturais em suas várias fases econômicas, as quais foram relevantes para a organização e formação regional no território.

Palavras-chave: Geografia Regional; Espaço; Economia; Dialética escalar.

REGIONAL GEOGRAPHY: ECONOMIC INFLUENCE AND DIALECTIC CLIMB ON THE FORMATION OF THE BRAZILIAN SPACE

ABSTRACT

The objective of this text is to weave discussions on the regional geography in Brasil. The analysis is focused on the study of Brasil's economic base through its economic periods, in particular gold, effectively realized in the Center-South of Brasil, and rubber based on the extraction of latex from the rubber tree, *Hevea brasiliensis*, distributed on the vast Amazon rainforest. The main methodology was performed by means of bibliographical analysis, field work in Ouro Preto-MG, where observations were carried out and photographs and joints around the comparative analysis and dialectic. The context of the construction of the Brazilian society allows inferring parallel connections and important to regional economic potential hinged construction distributed in geographical space. Therefore, the analysis undertaken has shown that the regions of Brasil have a structured logic from the use and exploitation of natural resources in its various economic phases, which were relevant to the Organization and regional training in the territory.

Keywords: Regional Geography; Space; Economy; Dialectic climb.

INTRODUÇÃO

A região, para Haesbaert (1999), envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo, considerando a escala, o fenômeno social e a diversidade. Nos estudos clássicos da Geografia regional, os estudos eram empíricos, de síntese e integradores, porém, na nova lógica da regionalização, a partir da diversidade territorial, prioriza-se a diferença ou a desigualdade – singular, universal, particular e geral. Consoante o autor supracitado, Regional são estudos dos elementos individuais específicos, regionalmente localizados, múltiplos fenômenos numa área, integradora. Haesbaert (1999) chama a atenção para o trabalho geográfico, tanto com elementos singulares específicos e universais, quanto com elementos particulares numa relação global/local, ou local/global.

Segundo Claval (2006), desde a antiguidade, existe a falta de vocábulo capaz de traduzir a originalidade dos lugares, daí a fragilidade da Geografia Regional. O autor faz um resgate de concepções sobre a Geografia e as questões conceituais regionais, ele afirma que a geografia francesa desenvolvida por Vidal de La Blache se apresenta pela diferenciação de áreas, descrição dos gêneros de vida e a dialética das escalas no pensamento possibilista.

De acordo com Claval (2006), a concepção regional de Vidal se desenvolveu até a Segunda Guerra Mundial, como uma maneira de se fazer e agir sobre o meio, uma ciência dos lugares e não dos homens. Do pós Segunda Guerra até a década de 1960, sobressaiu a Geografia quantitativa, que pontuava a regionalização de planejamento, estatística e quantitativo-matemática. A partir da década de 1960, os estudos regionais seguiram orientados para a teoria das redes. A lógica descritiva foi substituída pela análise regional de formas variadas na tentativa de interpretar a reestruturação do mundo após a Segunda Guerra e a explosão de novas tecnologias. As reestruturações geopolíticas e econômicas dos anos 1970, atreladas ao grande desenvolvimento dos fluxos de informação, permitiram o retorno à Geografia regional.

Na verdade, de acordo com Haesbaert (1999) e Claval (2006), há dificuldades para conceituar a Geografia Regional, pois, inicialmente, o método empírico indutivo de análise era realizado por meio da descrição e explicação do particular para o geral, baseado nas ciências naturais. Mas, na atualidade, a análise regional se desenvolve a partir da interpretação e compreensão dos fenômenos, tanto naturais quanto sociais e políticos no espaço, do método dedutivo que parte do geral para o particular. Segundo Haesbaert (1999), são mudanças com novos territórios, novas ordens que surgem da desordem e que propiciam e obrigam uma dialética de escalas.

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

Gomes (2000) defende que, na análise regional, a região é fruto de uma classificação geral para uma determinada explicação. No entanto, muitos autores já decretaram o fim da região em virtude da homogeneização do espaço oriundo da globalização. Contudo, mesmo nesse contexto complexo, o regionalismo, ou seja, a diversidade econômica e/ou cultural resiste à globalização e faz surgir novas regiões econômicas, além de renovar algumas antigas de resistência econômica e cultural e manter identidades locais. Atualmente são grupos de Estados, de recortes regionais múltiplos e complexos, como a UE, o NAFTA e o MERCOSUL, ou as comunidades e grupos tradicionais distribuídos pelo espaço brasileiro.

De acordo com Gomes (2000), região é um conceito que funda uma reflexão política de base territorial. É uma discussão entre os limites da autonomia em face de um poder central, o fundamento político de controle e gestão de um território.

Os autores supracitados exprimem dificuldades em propor um conceito ou um método para a Geografia Regional, porém todos concordam que houve várias tentativas de extinguir a região das reflexões geográficas, mas ela segue a serviço do Estado, reivindicando um maior reconhecimento das diferenças locais e globais como uma heterogeneidade que produz várias possibilidades de poder, seja na perspectiva clássica sob a ótica moderna ou na conjuntura que emerge cada vez mais pela pós-modernidade.

A fim de alcançar o objetivo desse artigo sobre a Geografia Regional no Brasil e a análise da base econômica do Brasil nos períodos econômicos do Ouro, na porção centro-sul do país, e da Borracha amazônica, optou-se pelo método comparativo. Este é amplamente discutido no âmbito científico, visando estabelecer relações coerentes entre diferentes fatos para que se obtenha das suas causas, inerentes aos elementos sociais, a compreensão do passado, os reflexos dele sobre a construção do presente e as possibilidades futuras que serão geradas com base em hipóteses bem estruturadas.

A aplicação do método comparativo, tal qual explica Schneider e Schmitt (1998, p. 47), permite o desenvolvimento de um raciocínio lógico no qual são identificadas regularidades, deslocamentos e transformações, além de construir modelos e tipologias, identificar continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças por meio de fatos diversos. Apesar de possibilitar a inserção de outros alicerces de acordo com o objetivo do pesquisador, é basicamente dividida em três etapas essenciais: i) a seleção de duas ou mais séries de fenômenos que sejam efetivamente comparáveis; ii) a definição dos elementos a serem comparados; iii) a generalização.

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

Assim, o texto, a princípio, apresenta, à luz da Geografia, os períodos do ouro e da borracha como fatores econômicos importantes na formação regional do Brasil. Posteriormente, tece reflexões sobre os elementos comparativos entre os dois períodos e, por último, apresenta as considerações finais, afirmando a relevância da dialética escalar nas análises regionais de modo geral e, principalmente, no contexto da formação do espaço brasileiro.

Nessa premissa, o Brasil, inserido no contexto e na rota da exploração pelas metrópoles da época colonial, foi, durante anos, tratado, por meio de uma visão eurocêntrica, como um território de onde se podia retirar riquezas naturais necessárias ao abastecimento do “homem branco”. O incentivo à expansão do comércio europeu além de seus domínios, após o século XV, foi realizado por empresas comerciais europeias. Tal expansão e conquista de terras coloniais significava para essas potências a consolidação de seu domínio territorial.

Mas como bem “se sabe, ao descobrir as terras tupiniquins” no final no século XV, os portugueses, hábeis navegadores, não concretizaram a princípio o sonho da riqueza farta e de fácil acesso. Os seus objetivos estavam direcionados ao comércio e tal questão justifica o relativo desinteresse pela ocupação de um território desconhecido. A necessidade de povoamento do Brasil surge anos depois, porém, para estabelecer vínculos com a ideia inicial buscada e embasada no comércio, era necessário concretizar um sistema de ocupação mais complexo, viabilizando as transações comerciais.

O OURO E A BORRACHA POR MEIO DAS REFLEXÕES GEOGRÁFICAS REGIONAIS NO BRASIL

Moraes (2001) proclama ser fundamental entender, primeiro, outros aspectos que estavam ocorrendo na Europa e levaram algumas de suas sociedades a se expandir. Nesse tocante, algumas características básicas são comuns a vários países europeus: a carência de minerais e de cereais, a existência de população disponível, oferta de capitais, a remuneração do capital mercantil. Tais características, juntas, vão impulsionar a expansão europeia.

Se tratamos de motivações gerais que caracterizaram a Europa do fim do século XV, também é importante destacarmos o contexto geopolítico específico que envolvia os principais países europeus. Podemos falar, então, de uma geopolítica metropolitana. As motivações próprias de Portugal, da Espanha, da Holanda e da Inglaterra vão resultar em

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

diferentes tipos de colonização. Exemplo: a colonização espanhola é mais estatal, a holandesa é totalmente privada, a portuguesa é mista e a inglesa é diversificada, em função dos espaços onde ocorrem. Para o quadro geopolítico da época, o colonizador europeu na América encontrou realidades muito diferenciadas, e quanto mais plástica a colonização, maior seu êxito, bem como mais rápida seria sua instalação (MORAES, 2001).

Prado Júnior aborda a questão sobre as bases nas quais se consolidaram a sociedade e a economia brasileiras:

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros, mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileira. (PRADO JÚNIOR, 1999, p. 32).

Posteriormente, ocorre a expansão interior impulsionada pelo bandeirismo, com o objetivo de expulsar os colonizadores indesejáveis, os espanhóis. A exploração das minas no final do século XVII contribuiu para fixar núcleos de povoamento nos atuais estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e, mais tarde, atraiu uma gama de pessoas de diferentes locais, sobretudo dos estabelecimentos agrícolas do litoral, causando o enfraquecimento do ciclo do açúcar. Polastri (1987) adverte:

Esse período foi marcado pela crise econômica de Portugal e sua necessidade em possuir terras ricas para equilibrar seu orçamento, pois o açúcar brasileiro estava em crise, devido à produção nas Antilhas e o mercantilismo estava em seu ápice. Portugal precisava encontrar uma riqueza que substituísse o açúcar. Assim, houve incentivos, como prêmios e honrarias a quem descobrisse minerais preciosos. Esse incentivo estimulou várias expedições que derrubaram Tordesilhas e alargaram fronteiras. A bandeira de Fernão Dias Paes percorreu os sertões mineiros durante sete anos (1674-1681). Essa expedição foi importante para a formação geográfica de Minas, pelo estabelecimento da estrada que ligou as minas aos currais de gado do São Francisco, na Bahia, pelo devassamento do sertão do rio das Velhas e pela abertura do caminho entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro. O ouro mineiro (FIG. 2) foi descoberto na última década do século XVII, pela expedição de Antônio Rodrigues Arzão, em 1693 (POLASTRI, 1987, p. 31).

Polastri (1987) constatou que, a partir da descoberta dos metais e das pedras preciosas, além dos índios que já habitavam o espaço brasileiro, rapidamente ocorreu o povoamento e a fixação de novos habitantes paulistas, baianos, portugueses, brancos, negros, padres, leigos e algumas mulheres começaram se fixar no território mineiro. No início do século XVIII, formaram-se os núcleos iniciais: o primeiro, no rio das Mortes, sendo São João Del Rei o centro; o segundo, Ouro Preto (antiga Vila Rica) e Mariana; por

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

último, a região do rio das Velhas, a partir de Sabará e Caeté. A posse da região mineradora foi assegurada por ato real em 1694, para os paulistas. A disputa pela região entre a população originária da decadência da região açucareira, portugueses, paulistas e outros brasileiros foi responsável pela primeira guerra civil brasileira – a Guerra dos “Emboabas”. Em 1709, foi criada a capitania de São Paulo e, em 1711, esta foi elevada à categoria de cidade. Ainda nesse começo do século XVIII, formaram-se as vilas de Mariana, Vila Rica e Sabará. Vila Rica tornou-se a capital da província de Minas Gerais e depois a capital do estado até o ano de 1897. Somente em 1823, a capital Vila Rica passa a se chamar Ouro Preto, após a Independência do Brasil (1822).

No concernente à interiorização na porção norte do território, bacia amazônica, ela foi estimulada, sobretudo, pela catequização de nativos por padres da Companhia de Jesus e pelo movimento colonizador detentor de produtos naturais (cacau, salsaparrilha, baunilha, etc.), também conhecidos como “Drogas do Sertão”. Nota-se que a abordagem se dá no período colonial, mas a real ocupação e exploração da região Amazônica ocorreram com o início do Ciclo da Borracha no final do século XIX, ou seja, no Brasil Império, determinada pela industrialização dos EUA e Europa e com a descoberta da borracha vulcanizada.

Os surtos do capital que estavam centrados na descoberta do ouro se voltaram para a extração do látex da seringueira. Apesar de o espaço-tempo estudado possuir uma diferença considerável, os períodos ou fases econômicas também são determinados por um objetivo comum e certa continuidade temporal e factual, que serão abordados na análise final.

Com a exploração de ouro e gemas, a região das minas se tornou a principal área econômica da colônia, fazendo com que muitas pessoas migrassem em sua direção, em busca de riquezas. Para ficar mais próximo da área de mineração, o governo da colônia desloca o centro político administrativo de Salvador, Nordeste, para o Rio de Janeiro.

Surgiram ali vários núcleos urbanos, dentre eles a cidade de Ouro Preto-MG, a qual foi até 1870 a capital do estado de Minas Gerais. A arquitetura da cidade conservada até a atualidade nos remete a um período histórico de suma importância para a construção da sociedade brasileira.

A figura 01 traz um esboço para interpretarmos como estava configurada a regionalização do território mineiro no século XVIII. Essa regionalização organiza-se de acordo com o estabelecimento dos núcleos de povoamento e ocupação do território no período em questão. No mapa da regionalização do século XVIII, projetado sob as atuais fronteiras do estado, observamos uma ligação entre a região central das minas e os campos

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

do sul, mostrando a concentração e multiplicação do povoamento que se estabelece desde os núcleos de Tiradentes e São João Del-Rei, ao sul, passando pela nucleação de Sabará, Ouro Preto, Mariana, até chegar a Diamantina e Serro, ao norte da capitania. Há uma vasta área no centro da capitania conhecida como região “curraleira”, constituída pelas fazendas de gado que se estabelecem ao longo do Rio São Francisco, resultantes da interiorização do gado rumo ao sertão logo após a ocupação da região canavieira do nordeste da colônia. Nas porções leste e oeste do território da capitania, encontram-se os sertões, compostos por vastas áreas que, além da disseminação do gado, se tornaram os segundos pólos de mineração, principalmente nas minas do nordeste e noroeste.



FIGURA 01 – Minas Gerais no século XVIII

Fonte: Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a06v5327.pdf>>.

Acesso em: 14 jul. 2015.

Minas conheceu o seu ápice no século XVIII, quando o Brasil enviou à metrópole cerca de 14 ou 15 toneladas de ouro ao ano. A partir desse momento, a produção declina paralela à descoberta de outros recursos minerais. As causas da decadência possuem um caráter econômico e social, e até mesmo natural, pois é sabido que o ouro explorado no Brasil era proveniente, principalmente, de depósitos aluviais recentes. Além disso, o uso de técnicas rudimentares aliado à falta de conhecimento específico sobre a mineração por parte dos mineiros impossibilitou, com o tempo, a continuidade da atividade. Prado Júnior (1999) explica que a atividade mineradora nunca passou de uma aventura passageira que

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

mal tocava um ponto para abandoná-lo em seguida e passar adiante. Tal atitude drenou toda a riqueza, logicamente para o exterior, e deixou apenas rastros de destruição.

Já no século XIX, praticamente todos os depósitos de ouro haviam se esaurido. Nada restou daquela colônia envolvida em riquezas. Apenas o estado de Minas Gerais manteve alguma importância quanto à extração do ouro em comparação às demais capitanias.

De acordo com Furtado (1970), a economia mineira do ouro no século XVIII ocupou posição intermediária. O escravismo convive com o trabalho livre, a subsistência dos escravos é comprada, as ocupações urbanas se diversificam, o pagamento de transportes é relevante. Em suma, pagamentos são feitos, e o dinheiro circula no interior do território. A economia se diversifica mais estável, com condições de sobreviver ao declínio da mineração. O modelo econômico da mineração do século XIX contrasta também com o modelo de produção de metais preciosos da época colonial, em especial o dos países de colonização hispânica.

Neste último caso, as regiões produtoras dos metais comportaram-se como autênticos pólos de crescimento com constituição de áreas produtoras de alimentos, animais de tiro e produtos artesanais para o abastecimento dos núcleos mineradores de prata, sob o regime de grande propriedade e de arregimentação de trabalho indígena por meio das *encomiendas*. Em poucas palavras, a mineração colonial de metais preciosos dinamizou a economia interna – algo que também se aplica ao ciclo do ouro em Minas Gerais.

A história local revela a importância das descobertas do ouro em território mineiro. Vale lembrar que a descoberta e a formação da região mineradora foram decisivas tanto para o desenvolvimento do Brasil como também para o de países europeus, beneficiados em grande escala pelas descobertas.

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz



FIGURA 02 – Pico do Itacolomi: Homenagem ao 286º aniversário da chegada da bandeira de Antônio Dias e do padre João de Faria Fialho; FIGURA 03 – Fortim bandeirante na fazenda de São José do Manso, no sopé do Itacolomi.

Fonte: VITAL, Paula. Trabalho de Campo, 2013.

O Pico do Itacolomi serviu de referência para as inúmeras bandeiras que partiam em busca do ouro preto encontrado pela primeira vez, provavelmente pela bandeira de Duarte Lopes, no final do século XVII, no vale do rio Tripuí.

No intervalo de tempo entre o ápice da produção aurífera no século XVII à exploração do látex na Amazônia no final do século XIX, até o início do século XX, o Brasil perpassou também pelo auge da produção do algodão e do café, porém tal parte da história econômica brasileira não cabe ser discutida nesta análise.

A Amazônia, como fronteira econômica, só pode ser compreendida, segundo Becker (1997, p. 11), a partir da inserção do Brasil no sistema capitalista global pós Segunda Guerra Mundial. De fato, o povoamento da Amazônia a partir da colonização sempre se fez motivado pelos surtos do capital. Porém, a real devastação ocorre no período do “Ciclo da Borracha”, que visava abastecer a indústria estadunidense e europeia.

Com a descoberta da borracha vulcanizada pelo empresário norte-americano Charles Goodyear, a sua utilização e procura se ampliam. A economia mundial estava à procura desta nova riqueza, e o Brasil a possuía. No entanto, a falta de mão de obra prejudicou a produção inicialmente, mas os períodos de seca no nordeste reduziram a produção do algodão e liberaram trabalhadores para extrair o látex das seringueiras amazônicas. Neste período, aconteceu uma grande migração de nordestinos para a região.

De acordo com Antonio Filho (2010), com o advento da borracha, a economia regional ressentiu-se da escassez de mão de obra, mormente se levarmos em conta a

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

difficuldade de se estruturar a produção com base na mão de obra indígena local, precipitando na imigração de inúmeros migrantes para a região, principalmente de nordestinos. Ademais, as pressões do mercado internacional sobre a produção de borracha amazônica, crescentes nas últimas décadas do século XIX, forçaram, então, a busca de soluções em curto prazo.

O autor supracitado acrescenta que a situação do imigrante nordestino ao chegar à Amazônia era, entretanto, desde o início, desfavorável. Além da necessária adaptação a um meio diverso do que vivera até então, já começava a trabalhar endividado, pois, em geral, necessitava reembolsar os gastos da viagem, os instrumentos de trabalho e outras despesas que se via obrigado a fazer ao se instalar no seringal. As despesas, sempre atreladas às necessidades prementes de sobrevivência, como os suprimentos alimentares, os produtos de uso doméstico ou para o próprio trabalho, perpetuavam sua dívida contraída com o empregador, o patrão e dono do seringal, que monopolizava o comércio e a compra da borracha, arbitrando preços e controlando a vida de todos nos seus domínios.

A precária situação econômica obrigava o seringueiro a uma jornada de trabalho cruel e desumana. A sociedade da borracha, na Amazônia, transformou quase totalmente o processo econômico, refletindo-se, assim, na vida das populações anteriormente engajadas em outras atividades. Afastou grandes parcelas de trabalhadores que se dedicavam à agricultura e “aristocratizou” a figura do patrão, dono do seringal, que, na linguagem posterior a 1920, passou a ser denominado “seringalista”.

Os primeiros seringais localizavam-se em torno de Belém, porém a demanda crescente pelo produto no mercado exterior fez com que até o final de 1870 a exploração se estendesse para as fronteiras do Brasil com Peru e Bolívia, atual estado do Acre (Figura 04).

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz



FIGURA 04 – Localização dos seringais no Sudoeste Amazônico.
Fonte: Abreu & Nunes, 2012.

Consoante Abreu & Nunes (2012, p. 22), a região inicial dos seringais está situada no sudoeste do estado do Amazonas no município de Ipixuna, próximo à fronteira com o Acre, entre as coordenadas 6°50'S e 71°15'W. Ocupa uma área de cerca de 3.000 hectares, recoberta pela Floresta Pluvial Amazônica, sendo uma região riquíssima em distintos ambientes, por exemplo igapó, terra firme, várzea, três grandes lagos e inúmeros igarapés.

Entre 1870 a 1920, a produção da borracha era a principal atividade econômica do país e dominava 97% do mercado mundial. Tal expansão causou conflitos entre seringalistas e grupos indígenas que tentavam manter suas comunidades. Entretanto, os indígenas foram expulsos por meio da prática das “correrias”, que significava colocá-los para correr a tiros de espingarda. A borracha trouxe lucros imediatos para a região. Estrangeiros se instalaram diretamente em Manaus e Belém, ignorando a sede do Império no Rio de Janeiro.

Segundo Lessa (1991, p. 31), Manaus se transformou numa moderna metrópole em vinte anos. Teve água, gás encanado e luz elétrica antes de qualquer outra cidade brasileira. A *belle époque* - período de efervescência cultural que ocorre na época na França - atinge Belém e Manaus, que ganham teatros, cafés, palacetes, lojas, linhas de bonde, telefones e luz elétrica.

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

Em 1913, o Brasil recebe a notícia de que a sua produção de borracha havia sido superada pela asiática. O preço do produto cai e os dias de bonança cessam. As cidades beneficiadas pelo “Ciclo da Borracha” foram praticamente abandonadas. E apesar da borracha ter representado cerca de 20% ou mais das exportações brasileiras entre 1898 e 1912, chegando a financiar o início da República do Brasil, os governantes fizeram vista grossa à queda iminente da economia da região. Lessa expõe muito bem a visão que se tinha (e ainda se tem) sobre o que é a Amazônia:

[...] os governantes da República Velha não mostraram nenhuma gratidão por isso e deixaram a Amazônia voltar para a sonolenta modorra do abandono, depois da queda dos preços da borracha no mercado internacional. A mentalidade reinante continuava sendo a predatória, a Amazônia era vista como um quintal, de onde deveria ser saqueado o máximo possível (LESSA, 1991, p. 35).

Com a explosão da Segunda Guerra Mundial, os alemães cortaram a rota de abastecimento da borracha dos países asiáticos (Sri Lanka, Malásia, Indonésia) para a Europa e os Estados Unidos. A Amazônia retorna ao seu posto de grande exportadora do produto, mas não por muito tempo, devido às próprias condições do trabalho no que diz respeito à infraestrutura e logística.

A extração do látex da seringueira trouxe grande devastação. Os seringais também abriram espaço para a exploração de outras madeiras nobres como o pau-rosa, o mogno, o cedro, etc. A fauna também foi devastada, visto que os seringueiros supriam suas necessidades através da caça e da pesca.

SEMELHANÇAS FACTUAIS DOS ELEMENTOS E A GENERALIZAÇÃO

Ao estabelecer os elementos a serem estudados, a sua análise revela um objetivo comum no cerne do processo de formação e transformação do territorial para uma discussão geográfica regional. Este objetivo está calcado nas bases do sistema capitalista, o qual, desde o fim do sistema feudal, tem impulsionado a sociedade a buscar a lucratividade.

Não é necessário um estudo muito aprofundado para notar que os processos econômicos brasileiros, tanto do ouro quanto da borracha, além de servirem de estepe para a necessidade das grandes potências mundiais em determinados momentos, também são direcionados e engolidos por esse sistema voraz. Assim como o que foi exposto por Becker (1997), o modo de produção imposto pela economia capitalista determina, em grande

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

parte, os estilos de desenvolvimentos nacionais e as estratégias regionais. Tanto a busca pelo ouro quanto a produção da borracha estão vinculadas a estratégias de cunho global.

Outro ponto que conflui diz respeito à ocupação desses territórios como consequência da busca por uma riqueza natural. A busca do ouro culminou na expansão do povoamento brasileiro para o interior do continente (apesar de já existirem fazendeiros naquelas terras desde o final do século XVII), e a extração do látex, no desbravamento da inóspita região amazônica. Em ambos os casos, houve pouco investimento na infraestrutura utilizada para a extração da matéria-prima, o que gerou o seu esgotamento e até mesmo a perda de mercado para outros países.

As consequências da exploração de ambos os recursos também tiveram influência direta sobre o meio natural, amplamente explorado e devastado ao longo das décadas. Por exemplo, a Amazônia sofre, até hoje, com a instalação de inúmeros projetos que se consolidaram através dos planos de integração da região pelo governo federal. Estes projetos têm várias finalidades que vão desde a extração de minério à extração de madeira, feitas de forma intensa e sem preocupação com o meio em si.

Sobre um espaço natural modificado para servir às necessidades e às possibilidades de um grupo, Martins diz:

[...] desenvolvimento desigual tem uma multiplicidade de sentidos e de aplicações. Na interpretação de Lefebvre, “ela significa que as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultâneas no mesmo ritmo histórico” (MARTINS, 1996, p. 18).

A identificação dos elementos mais essenciais à compreensão regional do Brasil como economia bem estruturada perpassa as possibilidades econômicas estudadas e cada um deles possui características específicas e modos de contribuição diferenciados quanto ao momento de sua atuação. Porém, ao longo da análise, conseguiu-se identificar pontos de convergência que tornam o intervalo espaço-temporal e social deste país em algo dificilmente compreendido à medida que são visualizados elementos totalmente voltados para desenvolvimento econômico colonial e/ou “neocolonial”.

A partir da premissa da Geografia Regional como meio de interpretar a realidade espaço-temporal no território, é possível concordar com Corrêa (2000), quando afirma que, no Brasil, há uma diferenciação de áreas desiguais, como na Amazônia, em razão das correntes migratórias, da história do homem e das forças produtivas de diferenciação e integração pelos modos de produção capitalista, pela ação do Estado, ideologia e meio de comunicação entre as regiões desigualmente desenvolvidas, mas articuladas no

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

desenvolvimento desigual e combinado. Ou seja, as regiões do Brasil destacadas nesse trabalho – Minas Gerais e Amazônia – tiveram processos de regionalização diferentes em alguns aspectos, mas combinados no cenário político econômico mundial em espaços/tempos diferenciados.

Nos processos combinados no cenário político econômico mundial, na diferenciação de área natural, o atrativo, na Amazônia, foi a seringueira para retirada do látex, matéria-prima da produção da borracha que era exportada em larga escala. Já em Minas Gerais, deve-se à extração do ouro, um recurso mineral valioso em todo o mundo.

Acerca da área territorial, nos dois casos, havia o interesse do Estado gestor de ocupação do espaço brasileiro. É importante o resgate histórico, já que, no caso de Minas Gerais, naquele período, a gestão político-econômica do território era realizada pela metrópole colonial portuguesa. Enquanto na Amazônia, em um período temporal mais recente, a gestão se realizava pelo Estado brasileiro, contudo o poder político econômico está influenciado pela escala, isto é, a demanda geopolítica econômica mundial, especialmente voltada para a utilização da borracha nos Estados Unidos.

Nos dois processos de regionalização supracitados, a formação se deu em virtude da conjuntura da economia mundial, e resgata a dialética de escala vidalina francesa, no contexto brasileiro, sob outras bases político-econômicas. Além disso, a região foi utilizada pelo capital num momento e, em outro, foi descartada. Em outras palavras, com o fim do ouro aluvial, a mineração foi abandonada, e a região perdeu o interesse do capital produtivo gestor português. A Amazônia, com a perda de interesse do látex pela concorrência com o látex asiático, também perdeu interesse do capital produtivo do Estado brasileiro.

No contexto dialético de escalas, sob a perspectiva de Haesbaert (1999), a Amazônia se articula no local-global por meio da ação sindical seringalista extrativista ou global-local pelas campanhas mundiais ambientais de preservação do planeta. Minas Gerais, no caso a cidade de Ouro Preto, ao tornar-se Patrimônio Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Patrimônio Estadual, Monumento nacional e cidade turística, se insere na escala global-local. Também se articula no local-global pelo interesse turístico educacional e regional, além de importante centro de pesquisas geohistóricas sobre o passado dos povos e a formação da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

A análise que se desenvolveu, calcada na técnica do método comparativo, o qual é o facilitador, possibilita a conexão de fatos e elementos diversos em um determinado espaço, o que é de suma importância para a ciência. Sendo assim, a sua real aplicabilidade se dá por meio do estabelecimento dos fatos a serem analisados, do espaço-tempo delimitado e das generalizações a serem possibilitadas pela escolha coerente das etapas anteriores. Muito mais do que mera observação, o método comparativo exige do pesquisador a sensibilidade aguçada para extrair das entrelinhas os elementos que constituíram a base sólida de sua pesquisa.

A regionalização do Brasil, portanto, seguiu as necessidades expansionistas e econômicas mundiais: no caso do ouro das Minas Gerais, serviu para socorrer a crise econômica europeia do século XIX, e a borracha serviu aos interesses econômicos norte-americanos no seu período de expansão industrial do século XX. As regiões do ouro e da borracha apresentaram grande visibilidade pelo cenário econômico que se desenvolvia em períodos distintos, mas semelhantes aos anseios econômicos do contexto mundial.

Pensar a redefinição regional e as transformações do espaço demonstra uma conceituação que possui um caráter extremamente abrangente, pois consegue englobar amplas formas e conteúdos aos modos de vida, por meio das diferentes temporalidades e lógicas sociais que se manifestam no Brasil. Isso, de certa forma, comprova os pressupostos teóricos, sobretudo acerca de desenvolvimento desigual e da dialética escalar.

Nesse sentido, admite-se que nada se explica completamente pela lógica da reprodução capitalista, mas por várias lógicas sociais, inclusive de produção, capturadas por esse processo em épocas diferentes, ou temporalidades sociais muito específicas. Isso fez com que se pensasse nos espaços regionais, tanto em seus arranjos econômicos, como em suas origens históricas e culturais articuladas ao contexto econômico mundial.

Os períodos econômicos brasileiros constituem-se de uma série de acontecimentos que caracterizaram o país em momentos diversos. A construção histórico-social e econômica reflete sobre a atual dinâmica interna e externa. A importância de reflexões sobre a formação regional do Brasil deve considerar as séries econômicas, históricas e também culturais, pois as articulações entre as pessoas tanto local como inseridas no contexto global justificam a necessidade de desenvolver estudos sobre a região brasileira em todas essas escalas.

REFERÊNCIAS

**Geografia Regional e a influência econômica do ouro e da borracha:
dialética escalar na formação do espaço brasileiro**
Antônia Márcia Duarte Queiroz; Joyce Duarte Queiroz

ABREU, Regina; NUNES, Nina Lys. Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da “linha do tucum”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 15-47, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/02.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1997.

CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Tradução de José Braga Costa. Lisboa: Edições 70, LDA, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Espaço: Um conceito-chave da Geografia. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 2ª ed. p. 15 -48.

ANTONIO FILHO, Fadel David. Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha. In: GODOY, P. R. T. (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 289 p.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de Região e sua discussão. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 2ª ed. p. 49 -76.

HAESBAERT, Rogério. Região, Diversidade Territorial e Globalização. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 15-39, jan./jun. 1999.

LESSA, Ricardo. **Amazônia: as raízes da destruição**. São Paulo: Atual, 1991. (Série História Viva).

MARTINS, José de Souza. Campesinato, Cidadania e Sociedade Civil em face da crise do Estado. **Cadernos CEAS**, Salvador, n. 136, 1996.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Bases da formação territorial do Brasil. **Geografares**, Vitória, n. 2, p. 105-113, jun. 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHNEIDER, Sergio; SCHMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

POLASTRI, Maria Helena Tavares. **Geografia e História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Vigília, 1987.

Recebido para publicação em 14/07/2015
Aceito para publicação em 24/09/2015